

## **Biodiversidade em ecomuseus: aspectos bioculturais e decoloniais**

## **Biodiversidad en ecomuseos: aspectos bioculturales y decoloniales**

## **Biodiversity in ecomuseums: biocultural and decolonial aspects**

Sinaida Maria Vasconcelos<sup>1</sup>

Martha Marandino<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho está apoiado em uma pesquisa que objetiva identificar formas de saber/fazer acerca da biodiversidade nos discursos e nas práticas cotidianas daqueles que concebem e executam ações do Ecomuseu da Amazônia. Trabalharemos com a ideia de que a compreensão sobre a biodiversidade não se encerra nem se limita ao âmbito do conhecimento científico. Na ótica decolonial, considera-se que este conceito é construído a partir de sentidos coletivos e identidades compartilhadas de diferentes atores e grupos, com significações culturais diversas e sob a perspectiva da transdisciplinaridade. A análise documental realizada para este texto aponta que os aspectos que articulam as especificidades dos ecomuseus e a biodiversidade aparecem nos eixos temáticos propostos para esta instituição. Dessa forma, na continuidade da pesquisa ser analisado como a complexidade da biodiversidade é explorada nas ações educativas deste local.

**Palabras clave:** Ecomuseo; biodiversidad; decolonialismo; Amazonas.

### **Resumen**

Este trabajo se apoya en una investigación que tiene como objetivo: identificar formas de saber/hacer sobre la biodiversidad en los discursos y prácticas cotidianas de quienes conciben y realizan acciones en el Ecomuseo de la Amazonía. Trabajaremos con la idea de que la comprensión de la biodiversidad no termina ni se limita al ámbito del conocimiento científico. En la perspectiva decolonial, se considera que este concepto se construye a partir de significados colectivos e identidades compartidas de diferentes actores y grupos, con diferentes significados culturales y desde la perspectiva de la transdisciplinariedad. El análisis documental realizado para este texto muestra que los aspectos que articulan las especificidades de los ecomuseos y la biodiversidad aparecen en los ejes temáticos propuestos para esta institución. De esta forma, en la continuidad de la investigación, se explorará cómo se explora la complejidad de la biodiversidad en las acciones educativas de este lugar.

**Palavras-chave:** Ecomuseu; Biodiversidade; Decolonialismo; Amazônia.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA); sinaida@uepa.br

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo (USP); marmaran@usp.br



### Abstract

This work is supported by research that aims to: identify ways of knowing/doing about biodiversity in the discourses and daily practices of those who conceive and carry out actions at the Ecomuseum of the Amazon. We will work with the idea that the understanding of biodiversity does not end, nor is it limited to the scope of scientific knowledge. In the decolonial perspective, it is considered that this concept is constructed from collective meanings and shared identities of different actors and groups, with different cultural meanings and from the perspective of transdisciplinary. The document analysis carried out for this text shows that the aspects that articulate the specificities of ecomuseums and biodiversity appear in the thematic axes proposed for this institution. In this way, in the continuity of the research, how the complexity of biodiversity is explored in the educational actions of this place will be explored.

**Keywords:** Ecomuseum; Biodiversity; Decolonialism; Amazon.

### Introdução

A partir da segunda metade do século XX aprofunda-se o movimento de crítica e questionamento da lógica colonialista nos museus, representada por “novas experiências museológicas com viés marcadamente educativo e comunicacional”, que “ensaiavam uma virada decolonial inédita na museologia” (BRULON, 2020, p.17).

Assim, entre as décadas de 1970 e 1980, a chamada nova museologia deu visibilidade e promoveu a valorização das práticas museais comunitárias e participativas, inserindo culturas silenciadas e marginalizadas dos processos de musealização tradicionais. E, assim:

“Em regiões do dito “terceiro-mundo” como a América Latina, novas expressões de museus que rompiam com o modelo clássico importado pelo sistema colonial começam a ganhar ênfase e a interrogar a “museologia tradicional”. (BRULON, 2015, p. 268)

Para Brulon (2020), a descolonização do pensamento museológico exprime:

[...] a revisão das gramáticas museais, propiciando que patrimônios e museus possam ser disputados por um maior número de atores, materializando os sujeitos subalternizados no bojo de um fluxo cultural intenso que leve à composição de novos regimes de valor, a partir da denúncia dos regimes de colonialidade imperantes. (BRULON, 2020, p.05)

Essa nova gramática museal permite que novas experiências museológicas estabeleçam leituras dialógicas do território, na medida em que o mesmo precisa ser pensado a partir de três aspectos imbricados: o *território geográfico*, relativo às características físicas do lugar; o *território histórico*, onde pode-se observar os processos que conformam a evolução do



espaço construído pela ação humana; e o *território imaginário*, relativo as formas com que os indivíduos entendem, usam e se relacionam com o território que habitam. (MUSEU TERRITÓRIO, 2022).

Surgem assim os ecomuseus, com suas ações e atores sócio-históricos culturalmente imersos no contexto local. Essas instituições representam importante espaço não só de preservação, mas também de educação e pesquisa contribuindo para a valorização dos saberes e fazeres locais, de temas (como a biodiversidade), dando-lhes protagonismo, visibilidade e o apoio que são necessários.

### ***Ecomuseus e Biodiversidade:***

Para compreender os conhecimentos que circulam e são produzidos nos ecomuseus, é necessário romper com paradigmas disciplinares que restringem o olhar para o conceitos como o de biodiversidade, o qual demanda uma perspectiva transdisciplinar de análise, no sentido de tentar abarcar a sua complexidade.

Percebe-se assim a necessidade de romper a forma disciplinar com que muitas vezes este tema é tratado, de tal forma que se inclua e se privilegie os saberes tradicionais sobre a biodiversidade. Nas palavras de Santos:

Se considerarmos a diversidade de populações que, no mundo, possuem conhecimentos sobre os ecossistemas em que vivem e sobre as características dos seres vivos que os integram, e se admitirmos que esses conhecimentos são pontos de passagens obrigatórios para a construção da biodiversidade enquanto objeto da ciência, facilmente se conclui que o conhecimento efetivamente existente sobre ecossistemas, espécies e organismos vivos é muito mais vasto do que aquele que está "oficialmente" registrado em bases de dados construídas por instituições científicas (SANTOS, 2005, p. 60).

Dessa forma, na pesquisa em desenvolvimento, trabalharemos com a ideia de que a biodiversidade não se encerra no conhecimento científico, mas considera a construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas com significações culturais diversas.

### ***Estudando a Educação sobre a Biodiversidade nos Ecomuseus***

A Amazônia reconhecidamente se apresenta como a região que abriga a maior biodiversidade do planeta, a qual ano após ano se encontra mais ameaçada por conta da exploração dos seus recursos naturais de maneira desenfreada e insustentável, movida por atividades econômicas que contrariam a essência da vocação regional (LINHARES, 2009). Essa exploração predatória que se acirra ao longo dos anos, despreza o fato de que dentro desse imenso bioma existem e subexistem povos que desde tempos mais remotos habitam a região amazônica, que com ela se relacionam e que com ela estabelecem uma relação sociocultural e ambiental de equilibrada e sustentável.



De acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o bioma amazônico constitui 61% do território nacional, espaço ocupado por 29.627.458 de brasileiros, os quais apresentam uma imensa diversidade social e cultural envolta por um mosaico de ecossistemas. No referido bioma vivem aproximadamente 63% dos povos indígenas do Brasil, além 442 comunidades quilombolas (42% das comunidades reconhecidas no Brasil). A região amazônica é a única do país em que mais de 50% de suas cidades são identificadas com presença de comunidades tradicionais (IBGE, 2021).

Esses povos vivem predominantemente em áreas úmidas onde desenvolvem atividades em pequena escala, como pesca, agricultura e criação de animais (PIEIDADE et al., 2012). E são essas populações e comunidades que em grande parte constituem a resistência a exploração dos grandes grupos econômicos e de (des)governos, frente ao desafio de fazer valer a riqueza da biodiversidade não só para a indústria da biotecnologia, mas também para as populações tradicionais que a conservam, utilizam e cultivam (ABRANTES, 2002, p. 15).

A questão posta conduz a reflexões acerca da importância da preservação e valorização dos conhecimentos tradicionais dessas comunidades em torno de aspectos da biodiversidade amazônica, uma vez que produzidos localmente, são objeto de discussão global (CASTRO, 2000). Tais reflexões podem ser norteadas a partir da perspectiva da biodiversidade como patrimônio biocultural.

De acordo Toledo e Barrera-Bassols (2015) a diversidade biológica, assim como a cultural, apresentam-se como construções mutuamente dependentes e enraizadas em contextos geográficos definidos. E na Amazônia esse mutualismo cultural- biológico se faz presente de forma rica e pulsante como patrimônio biocultural imaterial.

Assim, a biodiversidade enquanto recurso biocultural imaterial se encontra representado em coleções de museus de uma maneira geral, e de forma diferenciada em ecomuseus. As coleções bioculturais se apresentam como:

repositórios de plantas e animais usados pelo ser humano, os produtos resultantes e/ou as informações e objetos culturais relacionados. Incluem qualquer objeto feito de material biológico, especialmente aqueles com conotações culturais específicas; objetos não biológicos, mas usados no processamento desses materiais (por exemplo, ferramentas); objetos usados em rituais espirituais ou religiosos associados à processos biológicos; suas representações artísticas e artesanais; dados de informações ou arquivos relacionados à cultura, linguagem, criação, processamento e uso de um objeto biocultural. Portanto, salvaguardam os conhecimentos das inter-relações entre o homem e a natureza, entre a diversidade biológica e cultural, que gradualmente vem sendo perdidos (SANTOS et al., 2018).



Destarte se evidencia a importância de estudos na região amazônica que discutam a biodiversidade regional a partir de pressupostos bioculturais, posto que se podem desvelar diversos indicativos de colonizações que a marcaram desde os tempos précolombianos, além de valores e informações relevantes para o futuro local e global (SANTOS et al., 2018).

A base para desenvolvimento da pesquisa que aqui se apresenta é a sede do Ecomuseu da Amazônia, no distrito de Icoaraci – Ilha do Outeiro, município de Belém, estado do Pará. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os dados serão coletados por meio de entrevistas, observação, levantamento de documentos. Neste texto apresenta-se a primeira fase da análise de alguns documentos que foram acessados por meio de pesquisa no site institucional da Fundação da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque (FUNBOSQUE).

Neste texto, apresentamos algumas considerações sobre os dados obtidos a partir dos documentos citados e analisadas até o momento. Este levantamento teve a intenção de compreender o funcionamento deste local, percebendo se aspectos que caracterizam a relação entre biodiversidade e ecomuseus poderiam ser identificados neste local.

Conforme previsto no projeto a análise documental foi orientado pelo conjunto de técnicas definidos por Bardin (2011), como análise de conteúdo (Figura 1)

**Figura 1 – etapas de aplicação da análise de conteúdo**



Fonte: As autoras (2022)

#### **As ações educativas do Ecomuseu da Amazônia (EA)**

O EA foi criado em 2007, e se encontra vinculado à Prefeitura Municipal de Belém, através da FUNBOSQUE. Possui suas bases assentadas na participação popular para a construção de um projeto de desenvolvimento humano sustentável que garanta a integração de todos e que seja representativo das necessidades e interesses das comunidades envolvidas, a partir da valorização dos “saberes e fazeres” e da memória coletiva, referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade presente na região. (FUNBOSQUE, 2021).

O EA apresenta como missão: “Pensar coletiva e interinstitucionalmente os problemas de nossa região e suas comunidades, sem desvincular as dimensões ecológicas, sociais, educacionais, políticas e econômicas.” (FUNBOSQUE, 2021). Nessa intencionalidade, o EA desenvolve programas de preservação e recuperação dos patrimônios naturais e culturais da região, com vistas a emancipação, auto-sustentação e a melhoria da qualidade de vida das



comunidades envolvidas, com base em uma gestão participativa e na valorização da memória coletiva. Como forma de gerenciamento desses programas, e a fim de chegar aos objetivos propostos, a estrutura do Ecomuseu da Amazônia baseia-se em eixos temáticos (FUNBOSQUE, 2021).

**Eixo Cultura:** Ações que preconizam o desenvolvimento estratégico e sistemático a partir da integração técnico-artesanal, tendo por objetivo promover a integração entre conhecimento técnico-científico e conhecimento empírico de maneira que a comunidade de posse desse saber possa geri-lo em benefício próprio, preservando seu patrimônio, gerando renda, bem como, qualidade de vida. A proposta caracteriza-se também como um processo participativo e de integração comunitária visando a qualificação das ações já em andamento com a finalidade de proporcionar resultados que se adequem às necessidades museológicas (museu território).

**Eixo Meio Ambiente:** Tem como premissa a educação ambiental como instrumento de conservação e preservação da natureza, valorizando os saberes e fazeres da comunidade preservando as tradições e cultura local. Dentre os projetos que já foram desenvolvidos no eixo meio ambiente, destacam-se os projetos: Aquicultura Sustentável de Várzea; e Segurança Alimentar, cujo objetivo era fomentar a geração de trabalho, renda e alimentação diminuindo a insegurança alimentar nas comunidades atendidas pelo Ecomuseu.

**Eixo Turismo de base comunitária:** tem por missão promover atividades relacionadas ao turismo sustentável de base comunitária nas áreas de abrangência do EA envolvendo a educação não formal através de ações teóricas e práticas dos princípios turísticos vinculados à educação patrimonial, valorização da identidade e prestação de serviços de qualidade, aplicados ao contexto das comunidades envolvidas. Dentre os projetos desenvolvidos pelo eixo turismo de base comunitária, está o Roteiro Patrimonial de Visitação.

**Eixo Cidadania:** Por se tratar de um eixo síntese, seu foco tem como objetivo questões relevantes a participação social, vinculadas muitas vezes a projetos, eventos e programações que possibilitam a qualidade de vida das comunidades atendidas pelo programa. O eixo está incluído de certa forma em todos os outros eixos, propondo-se a ser um mediador nas articulações e nas iniciativas diante do processo de envolvimento com a comunidade, facilitando a valorização dos saberes e fazeres.

Assim, com base na intenção dos atores envolvidos, as propostas vão sendo construídas em alinhamento com os indicativos de cada área de atuação do projeto, na perspectiva de proporcionar uma melhor qualidade de vida e o desenvolvimento sócio-econômico e ambiental dessas comunidades amazônicas.

### Considerações finais

No caso da Amazônia, sob essa ótica dos ecomuseus enquanto tipologia de museu que se caracteriza por operar processos de musealização in-situ, ou seja, onde objeto musealizado permanece no seu contexto de ambiência, há de se pressupor a incorporação de aspectos da



biodiversidade amazônica. Entende-se que no caso do Ecomuseu da Amazônia, a biodiversidade deve se apresentar como peça-chave enquanto objeto e ambiente desse processo de musealização. Nesta análise inicial, percebe-se que os aspectos que articulam as especificidades dos ecomuseus e a biodiversidade aparecem nos eixos temáticos a partir de tópicos como integração entre conhecimento técnico-científico e conhecimento empírico da comunidade, educação ambiental, conservação, valorização dos saberes e fazeres da comunidade preservando as tradições e cultura local, projetos como os de Aquicultura Sustentável de Várzea e Segurança Alimentar, turismo sustentável de base comunitária, participação social, valorização dos saberes e fazeres, entre outros. Dessa forma, na continuidade da pesquisa serão explorados como a complexidade da biodiversidade é explorada nas ações educativas deste local

### Referências

ABRANTES, J.S. (2022). *Bio(socio)diversidade e empreendedorismo ambiental na Amazônia*. Rio de Janeiro. Garamond.

BARDIN, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

BRULON, B.A. (2015) A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les-mines e a prática da museologia experimental. *MANA* 21(2): 267-295.  
– DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>

\_\_\_\_\_. (2020) Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série, vol. 28 (2). 1-30.

CASTRO, E. (2000). Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A.C. *Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza*. São Paulo. HUCITEC/NUPAUB-USP.

FUNBOSQUE, Prefeitura Municipal de Belém (2021). Recuperado de <https://funbosque.belem.pa.gov.br/projetos/ecomuseu-da-amazonia/>

LINHARES, J.F.P. (2009). Populações tradicionais da Amazônia. *Revista Pós Ciências Sociais*. 1 (11), São Luís, MA.

MUSEU TERRITÓRIO (2022). Recuperado de <https://www.museudoterritorio.org.br/museu-do-territorio/>

PIEIDADE, M.T.F., JUNK, W.J., SOUSA, P.T., NUNES DA CUNHA, C., SCHÖNGART, SANTOS, B.S. (Org). (2005). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



SANTOS, S.F.; LUCAS, F.C.A.; MORAES JÚNIOR, M.R. de; SANTOS, A.S. (2018). *Bioculturalidade, Conservação e Biotecnologia na Amazônia Oriental*. Editora CRV, Curitiba-PR.

TOLEDO, V.M. & BARRERA-BASSOLS, N. (2015) *A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Tradução: Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular.

